

ALREM 03a 0567-1962 (1ª Cópia)

REY
CLI 0288
SIST. 59260

III.a.3.11-

ATUALIDADE E DURAÇÃO

(Especial para o "Correio do povo")

Reinaldo Moura

Na medida em que a história humana avança e o mundo vai inventando um novo estilo de vida, a duração dos romances vai se tornando cada vez menor. Não que acabem morendo ou deixem de avançar no tempo através da curiosidade dos leitores retardatários: mas a intensidade daquela presença que os fazia ocupar os interesses dos visitantes das livrarias já não ilumina com a força sugestiva dos primeiros anos. No tempo galopando que arrasta nossa vida para ~~fora~~ a dissipação final outros romances X aparecerão e se forem do mesmo nível seus autores, os primeiros começarão a ser abafados pelo natural prestígio dessa nova chamada ~~moda~~. Porque as mudanças no mundo são agora mais rápidas, X o drama dos homens é mais intenso, e a ficção prepara as lâminas de seus microscópios com ^{o material} ~~seus~~ sociológico de cada instante. X

De repente um leitor qualquer encontrou de novo nas suas estantes alguma coisa, que há muitos anos, foi um momento de evasão e descoberta durante a chuva de uma noite de inverno. Sua mão avança para o livro adormecido, seus olhos curiosos querem voltar ao passado. Uma hora depois, o volume redescoberto está de novo em seu lugar onde descansam os mortos. A memória iludida pensava encontrar aquela mesma comunicação que sentira no instante mais ou menos remoto, tão veloz nos parece o tempo nesta hora de transição.

Romances, novelas, narrativas que obtiveram sucesso ainda ontem, agora voltam em coleções que os editores lançaram num material atraente, como esses livros de bolso. Sartre está presente, e ainda vivo. Depois dele, e já faz alguns anos, e nos parecem tantas que nos surpreendemos por não aparecido outro com aquele mesmo calor de sangue novo. Zola percorre o mundo e nos visita mais uma vez. Um Saint Geupéry está brilhando nas suas lombadas de verniz, nas cores das capas de suas narrativas.

O visitante da livraria de repente lembrou-se: faz tantos anos que li "vol de Nuit"...E acabou adquirindo os outros também. Estava pensando naquela sua última viagem. Era um homem frio e pouco comunicativo, e quando o avião finalmente se imobilizara depois de amassar as árvores no local da queda, fôra dos primeiros a se libertar daquele princípio de inferno. As chamas avançavam, os berros dos que ainda estavam amarrados dentro do avião eram de animais desconhecidos. Ainda uma última tentativa para salvá-los, e alguém ergueu uma voz sobrenatural: "Padre Nosso que estais no céu, santificado..."

A noite, lendo o autor atual e já antigo, estava recordando os primeiros tempos da aviação. Ai nda era guri e se lembrava das vezes que vira aquela coisa estranha sobre o Guaíba: os hidro-aviões com seus enormes tamancos de alumínio cortando as águas e fazendo onda tinham alguma coisa da ficção. Vinham daquelas histórias de aventuras que aconteciam em outros mundos, e agora estavam se realizando aqui mesmo, junto aos trapiches do Caminho Novo. A hora de Saint Geupéry havia passado com seus dramas solitárias no céu noturno da Argentina, sobre os Andes atravessando a Patagônia, saindo do Paraguai pairando sobre as

florestas e o mar do Brasil e sentindo um perfume desconhecido quando pousava no calor da noite trazendo o correio da Europa. Mas depois disso o leitor já estivera perto da morte, e vira nas revistas e jornais, no cinema de atualidades as carcaças dos aviões mortos e os fantasmas cobertos de panos dos corpos numerosos que vinham voando e o destino já havia marcado. "Vol de Nuit", "Terre des Hommes", e dos outros, aguardavam a poesia de um momento na história da técnica.

Mas a vida dos livros continua, mesmo depois do túmulo. São os leitores inumeráveis que acontecem fora dos limites naturais do tempo. São as curiosidades terazes que redescobrem preferências. Os olhos mais perto da morte que necessitam reviver seu tempo, e nos seus contemporâneos dos anos de plenitude procuram existir ainda uma vez.

Voltam os romances de ontem a luz da noite na leitura da solidão. Por isso eles duram, atravessam a atualidade dos outros na saudade dos que se despedem. É a expressão de uma fase da vida que continua, alheia a realidade de cada instante. Mas o espírito profundo de cada geração deita raízes no estilo de uma atualidade, principalmente quando o mundo se modifica, e nosso destino adquire uma aceleração imprevista.

Data:03.05.1962
Tipo de material:Crônica
Autor:Reynaldo Moura
Procedência:Correio do Povo
Página:04
Nome do coletor:Maria Elisa Fischer
Estado de conservação:bom